



# DECLARAÇÃO

DO

## MOVIMENTO DE ESQUERDA SOCIALISTA (M. E. S.)

1. O M. E. S. resulta da iniciativa e actuação coordenadas de militantes cuja acção se tem desenvolvido nos últimos anos no campo das lutas de fábrica e outros locais de trabalho, de luta sindical, da luta contra a guerra colonial, da luta em torno das eleições fascistas, da luta de cristãos revolucionários, da luta dos estudantes e da acção política na emigração.

De facto, todo um conjunto de grupos e pessoas lutava, luta e jamais deixará de lutar por uma sociedade inteiramente controlada, em todos os seus aspectos, desde o económico ao político e do cultural ao social, pela classe trabalhadora.

É no combate permanente a todas as formas de exploração, repressão e dominação capitalistas que se vai afirmando a força dos trabalhadores que, conquistando o poder criarão as condições para a construção de uma sociedade sem classes.

2. A sociedade portuguesa vive um momento histórico particularmente importante após o derrube do governo fascista pela intervenção decidida do Movimento das Forças Armadas, ampla e imediatamente apoiado pelas massas populares. Esta iniciativa constituiu resposta a uma situação de crise profunda do capitalismo português que andava à volta de dois problemas fundamentais:

- o arrastar da guerra colonial com as crescentes vitórias dos movimentos de libertação mostrando a impossibilidade de a ganhar e obrigando a encarar a mudança das formas de exploração dos trabalhadores e das riquezas das colónias.
- O agravamento da situação da classe trabalhadora pela subida galopante do custo de vida, aumentando o descontentamento e fazendo alastrar as lutas reivindicativas que foram assumindo formas cada vez mais correctas.

Estes dois problemas - desgaste provocado pela guerra colonial e subida do custo de vida - reflectiram-se nas forças armadas, originando um movimento que se foi sucessivamente alargando e politizando.

Acentuaram-se, assim, as divisões entre os capitalistas que não se entendiam na busca de uma solução para esta crise. Nos últimos meses à medida que se desenvolvia o movimento das forças armadas pressentia-se que essa solução teria de passar pelo derrube do governo. Mas não só o governo caiu, como também o próprio regime e, assim, o movimento das forças armadas atingia o objectivo que o desenvolvimento da sua luta tinha tornado necessário.

Neste momento vive-se um clima de afirmação progressiva das liberdades fundamentais. A Censura acabou, a PIDE, Legião e outras organizações estão a ser destruídas, a acção sindical e política ganharam uma dinâmica nova e, um pouco por todo o lado, assiste-se a um ambiente de discussão de problemas durante muitos anos silenciados. Para tudo isto contribuiu decisivamente o apoio popular expresso na capacidade de iniciativa das massas nas movimentações em curso.



Mas se o regime caiu o sistema capitalista continua. Nem todas as formas de repressão foram abolidas, a exploração dos trabalhadores mantém-se e a guerra colonial ainda não acabou.

No dia-a-dia dos trabalhadores e do povo o fundamental permanece: os baixos salários, as péssimas condições de higiene e segurança, os elevados ritmos de trabalho, as horas extraordinárias em série, os castigos e despedimentos, os transportes caros e incómodos, as casas miseráveis e as barracas, as rendas de casa altíssimas, a assistência médica rudimentar, as fábricas e oficinas como escolas impostas aos filhos dos trabalhadores, os artigos de primeira necessidade a preços inacessíveis, as reformas que só dão para morrer mais depressa, os embarques dos soldados para as colónias!...

Mas se o sistema capitalista continua a queda do regime veio criar condições absolutamente novas para o desenvolvimento da luta dos trabalhadores que urge consolidar e aproveitar. Mas atenção: para que se mantenham essas condições os trabalhadores têm que estar vigilantes.

3. Neste momento o M. E. S. propõe a unidade de esforços no sentido de:

### NO CAMPO DA LUTA DE FÁBRICA E SINDICAL

- luta contra a subida do custo de vida pela conquista de aumentos urgentes dos salários e das pensões de reforma.
- luta pela conquista de um salário mínimo nacional que permita aos trabalhadores começar a viver e deixar de, apenas, sobreviver.
- luta contra as grandes diferenças de salários entre os trabalhadores, especialmente contra a discriminação de que são vítimas as mulheres, conquistando salários iguais para trabalho igual.
- luta pela conquista de melhores horários de trabalho e pela recusa do aumento de horário normal de trabalho e pela recusa do aumento de horário normal de trabalho pelo recurso às horas extraordinárias.
- luta contra o aumento dos ritmos e das cargas de trabalho e pela abolição do sistema de trabalho a prémio.
- reorganização da acção sindical, tendo por base a luta contra a divisão dos trabalhadores, conjugando a criação de sindicatos de indústria ou actividade com a manutenção e o fortalecimento dos sindicatos de profissão verdadeiramente significativos.
- criação de uma Confederação Geral do Trabalho, organizada de tal forma que se garanta o efectivo controle dos trabalhadores sobre a mesma.
- luta por aumentos de salários, que para além de acompanharem a subida do custo de vida e os aumentos de produtividade, diminuam de facto a exploração de que são vítimas os trabalhadores.
- reconhecimento da greve como arma fundamental da luta económica da classe trabalhadora.

### NO CAMPO DA LUTA ANTI-COLONIAL

- fim da guerra colonial, com cessação das operações militares.
- conversações com os legítimos representantes dos povos de Angola e Moçambique.
- reconhecimento urgente da República da Guiné-Bissau.
- acesso dos representantes dos movimentos de libertação a todos os meios de informação.
- reconhecimento do direito de todos os elementos das Forças Armadas, e fundamentalmente dos soldados, ao debate político e nomeadamente sobre a guerra colonial.
- reconhecimento do direito de qualquer militar a recusar-se a participar na guerra colonial.

O M. E. S. apoia os movimentos de libertação, denunciando a guerra e a exploração colonial ou neo-colonial em todos os aspectos e sob todas as formas, bater-se-á para que não haja mais embarques e pelo regresso dos soldados e contribuirá com todas as suas forças para o esclarecimento da posição dos movimentos de libertação e dos avanços alcançados pelos povos das colónias nessa luta.

### NO CAMPO DA LUTA ESTUDANTIL

- por uma linha de intervenção que coloque a luta estudantil ao lado da luta dos trabalhadores por uma sociedade em que não existam por um lado os que pensam e dirigem e por outro os que cumprem e executam.
- contra a função que a escola tem, nesta sociedade, de produzir os técnicos que ajudam os capitalistas a manter e melhorar os processos de exploração.



- pelo controle estudantil do processo de aprendizagem de modo a colocar o estudo enquanto processo de elaboração e investigação ao serviço das necessidades sentidas pelo movimento da luta dos trabalhadores.
- contra a guerra colonial, principal factor do alinhamento da luta dos estudantes com a luta global de todas as camadas populares em Portugal.

### NO CAMPO DA LUTA URBANA

- contra o escorraçamento dos trabalhadores para zonas afastadas dos locais de trabalho e sem condições.
- contra a falta e a superlotação das habitações
- contra as rendas altas
- contra a base em que assenta a especulação dos terrenos: a propriedade capitalista dos mesmos.
- contra um sistema de transportes assente no meio de transporte privativo e em transportes colectivos insuficientes, incómodos, demorados e caros.
- contra um sistema de assistência médica e medicamentosa que está organizado para a obtenção do lucro.
- pela gestão dos serviços da previdência pelos trabalhadores.
- por uma assistência médica e medicamentosa gratuita.

### PELO AUMENTO DOS TEMPOS LIVRES

- pela redução do horário normal de trabalho
- pelo aumento do período de férias
- pela elevação da idade mínima para começar a trabalhar
- pelo abaixamento da idade de reforma
- por uma prática cultural liberta da tutela dos grandes interesses comerciais de modo a permitir aos trabalhadores criar e gerir uma cultura que os exprima e meios de acção cultural que os sirvam.

Em todos estes sectores de intervenção tem de se fazer sentir o peso, a iniciativa e o controle dos trabalhadores. Em todos eles tem de ser assegurada uma efectiva democracia de base.

A nossa luta tem de continuar sem desfalecimento e só terminará com a construção de uma sociedade sem exploradores nem explorados, de uma sociedade onde os trabalhadores não sejam obrigados a vender-se diariamente.

Temos de construir uma sociedade socialista, ou seja uma sociedade onde a direcção política não possa ser instrumento de dominação sobre os trabalhadores; uma sociedade na qual os trabalhadores detenham o controle dos meios de produção e na qual a produção vise a satisfação das necessidades de todos e não as várias formas que o lucro possa assumir; uma sociedade onde a cultura seja construída por órgãos colectivos de criação e gestão e não seja mercadoria consumida no interesse de meia dúzia de privilegiados.

Este é o nosso objectivo e para o atingir estamos abertos à mais ampla colaboração com todas as forças políticas que igualmente lutam pela emancipação de todo o povo, pela construção do socialismo.

Nesta conformidade o M. E. S. declara-se pronto para participar no M. D. P. na medida em que este garanta:

- a unidade das forças democráticas na consolidação das liberdades adquiridas e na defesa da capacidade de iniciativa das massas populares perante um eventual perigo do recrudescimento das forças da reacção e do fascismo.
- a possibilidade do avanço das forças democráticas e populares na luta anti-capitalista.
- a possibilidade de, no terreno de uma larga acção de amplas camadas da população de debater com outros grupos políticos e pessoas sem filiação as suas próprias opções.

O M. E. S. apoia os trabalhadores de todo o mundo na sua luta contra o imperialismo em todas as suas formas, reconhecendo o valor da solidariedade internacional de todos os explorados e oprimidos.

O M. E. S. não quer deixar de salientar que a luta por estes objectivos não é uma luta de um dia ou dois, mas sim uma luta longa e progressiva. O M. E. S. entende igualmente que os objectivos da luta proposta impõe que, neste momento, se dê especial relevo à luta pelo desmantelamento do regime fascista.

É necessário não esquecer nunca uma verdade que a luta dos trabalhadores em todo o mundo tem demonstrado:

**A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES TEM DE SER OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES!**



### PELA COMISSÃO ORGANIZADORA

<i>Manuel Lopes</i>	(militante sindicalista)
<i>António Rosas</i>	( " " )
<i>António Santos Júnior</i>	( " " )
<i>Rogério de Jesus</i>	(militante operário)
<i>Machado</i>	( " " )
<i>Francisco Farrica</i>	( " " )
<i>Edilberto Moço</i>	( " " )
<i>Luís Filipe Fazendeiro</i>	( " " )
<i>Luís Manuel Espadaneiro</i>	( " " )
<i>Carlos Pratas</i>	(militante estudantil)
<i>José Galamba de Oliveira</i>	( " " )
<i>Víctor Wengorovius</i>	(candidato da CDE de Lisboa em 1969)
<i>Joaquim Mestre</i>	( " " " " )
<i>José Manuel Galvão Teles</i>	( " " " " )
<i>Eduardo Ferro Rodrigues</i>	(consultor sindical e ex-dirigente estudantil)
<i>Nuno Teotónio Pereira</i>	(militante cristão)
<i>César Oliveira</i>	(historiador do movimento operário)

**Informa-se que a Sede do Movimento de Esquerda Socialista é na Av. D. Carlos I, 146 - 1.º Dt.º em Lisboa.**

**O horário do seu funcionamento é das 14 às 20 horas e das 21,30 às 24,30 horas de 2.ª a 6.ª e das 9 às 24,30 horas aos sábados e domingos.**